

# Cinquenta anos esta noite

José Serra

Rio de Janeiro: Record, 2014. 266 páginas.

Disposto em uma estante de promoções na bienal do livro de São Paulo de 2018, jazia *Cinquenta anos esta noite* (SERRA, 2014). Naquele local, estava irresoluto entre os seus iguais, quer dizer, lado a lado havia uns cinco exemplares e um grande desinteresse por sua existência. Título parcialmente autoexplicativo para quem o encarou em 2014, quando se encerrava o cinquentenário do golpe de 1964, embora também remeta ao livro de memórias de Paulo Francis (1994) e a um filme do diretor francês Louis Malle, ambos intitulados *Trinta anos esta noite*. Redigido pelo senador por São Paulo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) José Serra (1942-), o livro relata as memórias sobre os anos da ditadura militar brasileira desse personagem.

Serra atualmente amarga uma condição política decadente, após sofrer duas derrotas em pleito presidencial (2002 e 2010) e municipal (2012); ser preterido por Aécio Neves dentro de seu partido na eleição de 2014; ter seu nome ligado à corrupção nos desdobramentos da Lava Jato; e ocupar o cargo de chanceler de um governo marcado por contestações e desprestígio nacional e internacional. Sua única vitória nos últimos anos foi em 2014, quando foi eleito para o cargo de senador, posição que então ocupa e na qual permanecerá até 2022. Esse repertório de acontecimentos, mais marcado por prejuízos do que por conquistas, fez reduzir suas pretensões, não almejando dis-

---

1. Mestrando em História Social na Universidade de São Paulo (USP).

putar em sua legenda a chancela para ser candidato a governador ou a presidente em 2018, intenção que tivera sempre presente nos últimos vinte anos.<sup>2</sup>

A situação de Serra há cinquenta anos colocava-se distintamente. Tratava-se de um personagem fundamental da conjuntura política da época. Como presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), eleito em julho de 1963, era o jovem mais influente do país. Participava de articulações e negociações políticas de grande importância e discursava ao lado de figuras centrais da política nacional. Nesses movimentos, interagiu diretamente com o mandatário da República, João Goulart (Jango), repetidas vezes e foi um dos oradores no Comício da Central do Brasil, junto de Leonel Brizola, Miguel Arraes e Jango.

O livro de memórias conta com qualidades, estando a obra razoavelmente bem escrita. Condição derivada provavelmente, por um lado, de um certo talento no manusear da pena, modelado ao longo dos anos nos livros e nas colunas de jornal, e, por outro, das repetidas vezes que o senador redigiu acerca dos desdobramentos de 1964.<sup>3</sup> Serra não se perde em elucubrações exageradas e repetitivas que, geralmente, transformam tal gênero em um desprazer entre capa e contracapa. Há ressentimento, gratidão, frustração e outros sentimentos mais alocados a tentar constituir um sentido – além de uma insistência mórbida em dissertar sobre cigarros e sua situação hipocôndrica. Contudo, tais emoções estão arrançadas de forma secundária, tornando-se evidente somente em momentos precisos da leitura. A vocação do texto é mais descritiva do que interpretativa, não obstante a descrição traga posicionamentos mais sutis de serem percebidos. O foco está em oferecer detalhes sobre com quem ele se reuniu, dialogou, onde e com quem estudou, o que planejou e outros dados mais, revelando, assim, uma série de pormenores da UNE, do Centro Popular de Cultura (CPC), da Ação Popular (AP), dos exilados políticos brasileiros no Chile etc. No entanto, precisa-se dimensionar que o fôlego descritivo passa por instantes e instantes, tendo passagens melhor trabalhadas do que outras. Uma série de trechos soltos apresenta-se principalmente a partir da metade do livro, fazendo-o pecar em sua organicidade. Provavelmente, a rotina de homem-público fez com que não tivesse o tempo necessário para uma escrita de maior intensidade e homogeneidade.

---

2. Para uma reportagem sobre a situação de José Serra nos últimos anos, ver Bergamasco, Carvalho e Lima (2018).

3. José Serra chegou a elaborar um relato sobre a sua presidência na UNE para o livro *História da UNE*, organizado por Nilton Santos (1980), e publicou algumas partes de suas memórias preliminarmente no jornal *O Estado de S. Paulo*.

O penumbrado sentido construído na obra está na conjugação de suas experiências com os estudos formais que realizou no Chile e nos Estados Unidos da América (EUA). A vivência no exílio somada aos títulos conquistados forjariam o seu amadurecimento. Nesse trajeto, deixou de ser um jovem imbuído de boas intenções, mas carente de instrumental reflexivo, para se compor como docente dedicado à economia – “Saíra agitador noviço e voltara professor adulto”. Dessa forma, a construção implícita fixa-se em expor a construção da maturidade política do personagem ao longo dos anos, a afirmar uma filiação econômica interpretativa, conquanto não deixa muito claro suas posições nesse texto, mencionando meramente uma conexão com as ideias de Raúl Prebisch e Celso Furtado, este invocado como “mestre”. Entende-se então uma linhagem do *desenvolvimentismo*, entretanto de forma muito superficial e pouco delimitada. Explicita também, nas últimas linhas do livro, no que maneja ou pretende manejar o saber conquistado: preservar algumas coisas e mudar outras para, assim, se livrar das condutas reacionárias e populistas nas relações políticas. No entanto, da mesma forma a respeito de suas influências, pouco diz e pouco deslinda tais categorias. A política, como o reino do contingente, sempre leva a necessidade de opções, independentemente das orientações ideológicas. A questão é explicitar os rumos de tais escolhas.

Em suas aproximadamente 250 páginas, o livro subdivide-se objetivamente em dez capítulos. Todavia, a organização e seu conteúdo põe-se diferentemente, como o subtítulo da obra anuncia: “o golpe, a ditadura e o exílio”. Em uma mirada mais geral, podem-se separar os capítulos a partir desses momentos: dos antecedentes do golpe à tomada do poder; passando pelos primeiros meses da ditadura, quando o governo está a instalar-se e o jovem vive como perseguido político; fechando com a longa estada em desterro no Chile e nos EUA. Na prática descritiva, significa um período de um pouco menos que 15 anos.

Na primeira parte, “o golpe” (p. 15-113), três capítulos são contemplados. Em suma, o trecho tange os últimos momentos do governo Jango e o desdobramento do golpe militar. São expostos: como chegou ao cargo de presidente da UNE e que atividades exercia na posição; o que ocorreu nos momentos da deposição de João Goulart, inclusive no incêndio do prédio da UNE e na estadia na Embaixada da Bolívia, quando solicitou asilo político. A segunda parte, “ditadura” (p. 117-160), contém dois capítulos que descrevem uma rápida passagem por Paris; o retorno clandestino ao Brasil,

passando pelo Uruguai, onde se encontra com Leonel Brizola; e a efêmera estadia, logo interrompida em consequência da escalada da repressão contra o movimento estudantil. A última parte, “exílio” (p. 163-256), engloba nos seus cinco capítulos os longos anos de desterro ininterruptos e o regresso ao Brasil. Primeiro no Chile, onde viveu com uma ampla gama de brasileiros exilados durante os governos de Eduardo Frei e Salvador Allende, realizando os seus primeiros estudos formais em economia e ocupando alguns cargos públicos. Experiência interrompida pelo golpe de 11 de setembro de 1973, que o obrigou a exilar-se uma vez mais. Dirigiu-se então para os EUA, onde se doutorou na Universidade de Cornell. O último capítulo, o fechar do livro, tange exclusivamente o regresso ao Brasil, momento envolto de perseguições emplacadas pelos órgãos de vigilância e incertezas por parte do personagem, além de algumas menções dos primeiros encontros que resultariam no PSDB.

*Cinquenta anos esta noite* pode ser encarado fundamentalmente de duas maneiras: uma mais e outra menos louvável. No primeiro modo, a obra oferece uma contribuição histórica. Trata-se de um pronunciamento de uma época a partir de um referencial privilegiado; memórias de um ator que tivera importância e influência. Essa condição deverá fazê-lo ser um documento de relevo e, por conseguinte, criticado como tal diante da bibliografia consolidada. A outra forma de se defrontar com o escrito relaciona-se com a maneira como foi encontrado na Bienal do Livro. Em grande medida, a situação contextual reflete a própria condição do seu autor atualmente. Visto antes como legatário de Fernando Henrique Cardoso e concorrente sempre forte à cadeira de presidente, José Serra amarga a inexpressão e a contestação de sua trajetória política na Nova República. O sonho de se alçar ao cargo mais alto do país torna-se progressivamente menos provável, ainda mais com as denúncias de corrupção que lhe ameaçam retirar os direitos políticos, caso comprovadas. Dessa forma, o livro e o autor perdem importância no devir, a ocupar estantes de sebos e bibliotecas em vez de mãos de eleitores, e torna-se, assim, história. Propriedades do passado que se foi e não volta mais.

## Referências

BERGAMASCO, Débora; CARVALHO, Cleide; LIMA, Maria. Onde está José Serra? *Revista Época*, 9 de abril de 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/04/onde-esta-jose-serra.html>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Nilton (Org.). *História da UNE: volume I depoimentos de ex-dirigentes*. São Paulo: Editorial Livramento, 1980.

SERRA, José. *Cinquenta anos esta noite*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

